

## PEQUENO ENSAIO HISTÓRICO-LÍRICO-FILOSÓFICO SOBRE A MORTE DA HUMANIDADE<sup>1</sup>

Por Leandro Laube

O presente ensaio aborda sucintamente a evolução das relações sociais e religiosas, desde os primórdios da humanidade até a contemporaneidade metropolitana, mostrando o esvaziamento humano a partir de sua relação com a morte. Lança mão de elementos históricos, filosóficos e literários, sem no entanto constituir-se um ou outro (talvez nada disto) construindo-se sobre o princípio das quatro dimensões humanas: Física (sobrevivência), emocional (relacionamentos), intelectual (desenvolvimento) e transcendental (significado e legado). Adverte-se, portanto, que este pequeno ensaio passa muito ao largo das conclusões, propondo-se modestamente uma análise da condição humana diante de si e do inconcebível.



Nos primórdios da saga humana, aquele lampejo de consciência que garantiu a sobrevivência da espécie levou à tomada de consciência da própria existência e, muito provavelmente, no instante seguinte, à constatação da finitude. Essa noção a colocou diante do abismo, insegura e

desprotegida. A partir daí, durante toda a história, criaram-se cerca de quatro mil divindades geradoras da morte e mais de dez mil dedicadas a ela, tamanha a angústia diante do insondável (GOLDBERG. & D'AMBROSIO).

Sem ter como explicar o que não pode ser entendido, a humanidade passou a conformar-se com o inevitável, até como meio de melhor aceitá-lo. Nesse processo de aceitação da morte, a religião e a religiosidade tiveram importância cada vez maior, a ponto de sacerdotes desfrutarem poder de influência política, muitas vezes superior ao de imperadores, quando eles próprios não o eram. Neste contexto, um ótimo exemplo é o da religiosidade no Antigo Egito: A maior parte da população era de camponeses ignorantes, incapazes de compreender os rituais religiosos cada vez mais complexos. Assim, logo surgiram os aproveitadores dispostos a comercializar distorções desse conhecimento, realizando qualquer tarefa que lhes fosse

<sup>1</sup> A palavra "humanidade" aqui proporciona uma dupla interpretação proposital: A morte de homens e mulheres ou a morte daquilo que nos faz criaturas humanas, em oposição à animalidade.

encomendada. Não tardou a se corromperem as magias, originando bruxarias, demonismos e feitiçarias: “Com a magia branca e negra dos egípcios se confunde a maior parte da magia de outros países de todo o mundo; é impossível dizer exatamente até que ponto as crenças e sistemas religiosos de outras nações foram influenciadas por elas, mas não há dúvida de que delas vieram diretamente certas concepções e ideias religiosas de muitas seitas pagãs e cristãs” (BUDGE, p. 12).

A estrutura das primeiras sociedades era simplificada, baseada nas tradições, no conhecimento da natureza e da linguagem e vontade das divindades. Consequentemente, havia uma tênue distinção entre o poder político e o religioso, de modo que o alargamento das relações entre os pequenos grupos familiares foi impulsionado pela religiosidade (OLIVEIRA, 2003, p. 57). Posteriormente (já na Idade dos Metais) as sociedades, de modo geral, organizavam-se em estruturas administrativas permanentes, o que fortaleceu a posição dos sacerdotes, conferindo-lhes, muitas vezes, prestígio e fortuna.



Na Idade Média, clérigos e nobres eram enterrados nos cemitérios, enquanto à plebe eram reservadas as fossas comuns. Como as emanções provindas dessas valas além de desagradáveis provocavam pestes, com o tempo tal procedimento

foi substituído. No século XVIII houve um relativo resgate da dignidade e os mortos readquiriram o respeito. No século XIX (no bojo do romantismo) a morte passou a ser venerada até como libertação dos tormentos do mundo. Os rituais solenizaram-se, os túmulos tornaram-se suntuosos e os cemitérios cresceram. Todavia, o século XX, com todo o seu avanço científico e tecnológico, consumismo e descartabilidade, colocou novamente os mortos de lado. Os velórios, antes pomposos, tornaram-se privados e silenciosos, o luto restrito e discreto. “O morto é tratado como um desertor e a morte como um fracasso” (GOLDBERG & D’AMBROSIO, p. 48).

Desde os primeiros aglomerados humanos, com o avançar das eras, os povoados tornaram-se cidades, que, antes sagradas e centradas nas células familiares, passaram a orbitar o profano que as invadiu, desumanizando seus filhos (OLIVEIRA, p. 57). A humanidade primitiva defendia a própria sobrevivência contra uma natureza hostil, mas vieram as “forças da Modernidade”, que resultaram em um

inimigo intangível e poderoso: Os mercados. E estes passaram sobre o que há de mais sagrado em cada um: A humanidade<sup>2</sup> (*ibidem*, p. 58). E as cidades continuaram crescendo, já não havendo mais espaço suficiente sequer para os vivos, tanto menos para os mortos: “A cidade se estende para lá, para lá, para lá, da própria cidade. Não havendo mais muros, ou espaços sagrados” (*ibidem*, p.62).

A rapidez no avanço do conhecimento e na renovação tecnológica leva a humanidade contemporânea a distanciar-se sempre mais de suas próprias questões interiores. O avanço e disseminação dos meios eletrônicos de comunicação de massa e das tecnologias digitais de informação, ostensiva e gradativamente endurecem e esvaziam as almas. E, na medida em que a humanidade perde o rumo de si mesma, busca complementação material, na esperança de preencher o vazio deixado. Essa busca fanática leva a um afastamento ainda maior do sagrado, do *si mesmo* e do calor da convivência. No início do século XXI, pode-se observar claramente quanto o eixo outrora centrado na família foi desviado para longe.

Voltando ao Egito, agora contemporâneo, na cidade do Cairo, um fenômeno chama a atenção: Desde os anos 60 podem ser vistas antenas de TV, em quantidades crescentes, sobre os mausoléus. É importante considerar que as tumbas dos egípcios contemporâneos são acompanhadas de residências, ou “verdadeiros palácios”, em que os familiares se alojavam quando vinham cultuar seus mortos. Contudo, segundo estimativas, mais de meio milhão de pessoas residem nos mausoléus e outro milhão nos edifícios de quatro andares construídos no interior dos cemitérios (MAGNOLI & ARAUJO, p. 140), pois estes estão próximos aos centros geradores de empregos. Os vivos voltando a habitar junto aos mortos, deles separados por poucos passos, ironicamente retomando práticas há muito esquecidas, como a grega:

Sagrada era a terra; sacra, a casa. Toda habitação grega ou romana possuía um altar, no qual havia sempre restos de cinzas e brasas, cabendo ao dono manter a chama acesa. Desgraçada a casa cujo fogo se extinguísse. (...) Assim como a terra, a casa e os mortos eram sagrados, também a família. Entre os vivos e os mortos havia pouquíssima distância. Somente alguns passos, tantos quantos os separam a casa do túmulo. (OLIVEIRA, p. 56-57)

<sup>2</sup> Humanidade em oposição à animalidade.

Contudo, no Egito contemporâneo, não são necessariamente os mortos da família, tão pouco esse solo é a morada dos deuses, não havendo mais aquela veneração, nem a chama sagrada. O inviolável foi esquecido e a humanidade desumanizado pelas forças que lhe podaram a dignidade.

Mas a massa indigna encontrada neste início de século XXI não difere em muito das hordas de um passado nem tão distante, como as do final do XIX e início do XX. Lá como cá, as párias da sociedade burguesa vão-se instalando sob viadutos, ao largo de vias expressas, em encostas ou áreas pantanosas, constituindo “uma outra cidade que cresce espontaneamente nos interstícios da cidade” (MAGNOLI & ARAUJO, p. 141). O jornalista curitibano Eduardo Fenianos sintetiza uma visão carnificada da realidade desoladora geral dos subúrbios: “Assisto em câmera lenta o que acontece rápido. Jovens acendem cigarros de maconha e *crack* em algo parecido a cuias. Ao lado, crianças ainda com chupeta brincam com carrinhos e bonecas. Velhos conversam tomando chimarrão. Não há diferença entre o público e o privado. Eles fazem na rua o que fariam em casa” (FENIANOS, p. 118).

Não havendo mais o sagrado da casa nem o sagrado da própria terra, perde-se a perspectiva da transcendência. A humanidade está só, em uma vida que se encerra em si mesma. Deste modo, a única perspectiva possível é a plena fruição material, o que não colabora muito para a aproximação do indivíduo consigo mesmo e com seus próximos. Se já não havia mais o sagrado na metrópole, agora pouco resta da pessoa: solidão, vazio e a própria existência comprometida, já que seu nome, que lhe conferia essa existência junto ao mundo e a si mesma, dando-lhe a certeza de existir pelo menos a cada vez que fosse pronunciado, já não significa nada. “Aquele que não pode ser modelo ou espetáculo – inominável” (OLIVEIRA, p. 62).

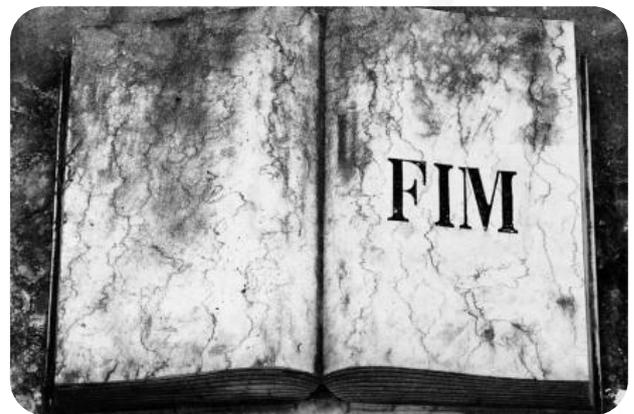
Mas, mesmo perdendo o sentido da existência, angústia que não pode ser suprida pelo mero consumismo, ainda assim a criatura humana agarra-se à vida, diante do medo do desconhecido. A Velha, em “Cândido”, descreve sua angústia diante do apego à vida, apesar de todo suplício:

(...) cem vezes quis matar-me, mas ainda gostava da vida. Essa fraqueza ridícula talvez seja uma de nossas inclinações mais funestas: pois será que há algo mais tolo que querer carregar sem trégua um fardo que sempre poderíamos jogar ao chão? Sentir horror pelo seu ser e estar apegada a esse mesmo ser? Enfim,

acariciar a serpente que está nos devorando, até ela roer-nos o coração? (VOLTAIRE, p. 46)

O medo e a negação da morte escondem-se quase sempre sob simulacros. Do conflito gerado entre a vontade de romper com a dura realidade e o medo da morte, na impossibilidade da salvação dado o esvaziamento do espírito humano, surge uma angústia que não pode ser curada; quando muito, amenizada. E a humanidade busca remédio ao seu sofrimento na exterioridade, naquilo que a sociedade de consumo lhe oferece. Contudo, não resolve o tormento da alma.

Não há mais o calor do fogão a lenha: quase não há mais deles e menos ainda tempo para sentar-se ao seu redor. O trabalho já não constrói, apenas produz. Não há mais bravura, honra ou dignidade; apenas o *status*. Não há mais o terreno sagrado e é maldito o ventre.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BUDGE, E. A. W. **Magia Egípcia**; trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.
- FENIANOS, E. E. **O Urbanauta**. Curitiba: UniverCidade, 1998.
- GOLDBERG, J. P. & D'AMBROSIO, O. **A Clave da Morte**. São Paulo: Maltese, 1992.
- MAGNOLI, D. & ARAUJO, R. **A Nova Geografia**. 2ª ed, São Paulo: Moderna, 1997.
- MARANHÃO, J. L. S. **O que é a Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- OLIVEIRA, W. F. C. de. **Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime**. Revista FACEL, v. 1 (n.º 1): p. 56-62, 2003.
- REICHMANN, E. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967.
- REICHMANN, E. **Cadernos PS I**. Curitiba: Pelo autor, 1981.
- VOLTAIRE. **Cândido**; trad. A.P. Marie Cambe. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.